

## Revisitando a contribuição de Ferenczi para a formação psicanalítica brasileira

pele Grupo Comunidade de destino

Poderia causar surpresa o fato de que nenhum grupo de trabalho no Departamento de Psicanálise se dedicasse à obra de Sándor Ferenczi continuamente. O analista húngaro, reconhecido não apenas por seu papel como interlocutor privilegiado de Freud, mas também pelo fato de que seu pensamento “(...) mostra-se clinicamente importante, teoricamente relevante e politicamente atual”, seria um autor que poderia trazer ricas contribuições na formação contínua de analistas no nosso Departamento. Mas a verdade é que Ferenczi tinha leitores por aqui, e não eram poucos - o que ele não tinha era um grupo de trabalho que o tomasse com ares de autor formativo.

Neste texto, vamos relatar nosso trabalho nas primeiras reuniões do GT Comunidade de destino e discutiremos alguns aspectos da obra de Ferenczi que, a nosso ver, o incluem entre os autores importantes para uma formação psicanalítica. É importante começar com uma história.

Durante uma reunião preparatória do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, que se organizava para a 14ª Conferência Internacional a ser realizada em São Paulo em maio de 2024, Camila Flaborea ficou surpresa ao notar a ausência de grupos de trabalho específicos no Departamento dedicados à leitura, estudo e discussão das ideias de Ferenczi. Ela compartilhou essa observação com Eugênio Canesin Dal Molin e Renata Cromberg, que também participavam da mesma reunião e são membros do Departamento. Juntos, eles decidiram tomar a iniciativa de propor a criação de um Grupo de Trabalho que se dedicasse à obra de Ferenczi.

Ambos, Renata Cromberg - parceira de grupos e de outras coisas boas- e Eugênio - grande apoiador de iniciativas importantes e precisas sobre Ferenczi no Brasil, como a criação do GBPSF-, gostaram da ideia e toparam gestá-la. Camila fez contato com Débora Albiero, aspirante a membra do Departamento e participante do GBPSF, que já havia, em outro momento, aventurado a ideia de um curso no Sedes sobre Ferenczi e comentado dessa ideia com Camila e Eugênio. Algumas semanas depois, durante um período de gestação, muitas colegas queridas e queridos nos surpreenderam manifestando interesse em participar, superando em muito as nossas expectativas. Hoje, temos todas as vagas preenchidas e também uma lista de espera. Queremos expressar nosso agradecimento ao Conselho de Direção por ter acolhido rapidamente e com entusiasmo o nosso projeto, o que reafirma o compromisso deste Departamento com uma psicanálise viva e, portanto, em constante movimento.

Vejam, o pensamento de Ferenczi tem recebido mais e mais atenção. Em 2018 surgiu o Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, que se propunha como tarefa, entre outras, a difusão do pensamento de Ferenczi no Brasil. Esse objetivo foi alcançado com relativo sucesso e, por efeito, criou-se um clima favorável às iniciativas que envolviam o autor húngaro. O quarteto que propôs o GT Comunidade de destino é todo formado no Sedes, mas frequenta, trabalha, e hoje desenvolve atividades também no GBPSF. Num sentido, há origens similares, noutro, o que é similar é o destino.

Logo na primeira reunião, chegamos a um consenso de que começaríamos nosso estudo pelo volume IV das obras completas de Ferenczi, uma vez que este volume consiste no momento mais maduro da sua produção. Não decidimos isso de modo simples, como quem sopra uma formiga de uma folha: pensamos coletivamente qual seria a estratégia de leitura e aproximação mais de acordo com o interesse dos participantes. Venceu a estratégia mais dramática, que era começar por onde o calo aperta, por onde mais gente conhece o autor, por onde podemos segurar seus chifres e trazê-lo para perto de nós. Quase que pelo fim.

Começar do quase fim é não começar pelo *Diário clínico*, texto que pede familiaridade com muitas ideias do autor, nem pelas “Notas e fragmentos”, que fazem Ferenczi parecer um autor que construía as ideias em guardanapos de papel. O que é verdade, algumas intuições rabiscadas assim anunciaram ideias que encontraremos noutros textos, os que o autor organizou, apresentou aos colegas, e depois publicou. O quase fim são exatamente os textos que publicizam essas ideias. Passamos por “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, “Análise de criança com adultos” e “Princípio de relaxamento e neocatarse”.

A decisão de iniciar com a fase mais madura da obra de Ferenczi levantou algumas inquietações sobre se deveríamos (e, se deveríamos, como fazê-lo), apresentar nossas ideias e discussões já em um evento como *Entretantos, Cá entre Nós*. Mas percebemos que a temática do evento estava alinhada com as discussões que já ocorriam em nossas reuniões.

Nos surpreendeu muito positivamente como essas leituras logo trouxeram discussões e compartilhamentos sobre ricas experiências, tanto a partir de casos clínicos, como a partir de questões sociais, políticas, institucionais - no que se refere a essa teoria no âmbito da saúde pública, das temáticas da racialidade, das múltiplas violências, das vulnerabilidades, das questões políticas e éticas que temos enfrentado e escutado/vivido na nossa prática.

Percebemos um paralelo entre o momento inicial do grupo (pós-pandemia, em meio a um momento político complexo, de desmentidos, negacionismos, violência de Estado) e os atravessamentos que marcaram a vida, o pensamento e a prática clínica de Ferenczi - produzidos a partir de uma experiência em meio a questões

políticas opressoras em seu país de origem. Aliás, cabe aqui um pequeno resumo da vida de Ferenczi.

Sándor Ferenczi nasceu em Budapeste, Hungria, no ano de 1873 e faleceu em 1933 aos 60 anos de idade. Ele obteve seu diploma de Medicina aos 21 anos pela Universidade de Viena, a mesma universidade onde Freud também se formou. Ferenczi fez sua carreira como psiquiatra e psicanalista. Foi um dos maiores interlocutores e colaboradores de Freud, e por muitos anos foi seu discípulo mais próximo. Era seu amigo íntimo e fez parte do núcleo mais próximo dele, junto com Jung, Adler e Rank. Em seu obituário, Freud sublinha seu talento, afirmando que Ferenczi tornara “todos os analistas seus discípulos”.

Era filho de uma família de judeus poloneses, de ativistas políticos, e isso o subjetiva e constitui dentro desse contexto. Diferentemente de Freud, mais do que um pesquisador, Ferenczi era, sobretudo, um clínico - sensível e à frente das questões de seu tempo. Desde o início, tinha uma afinidade com as minorias e com o lado mais frágil das relações de poder (mulheres, crianças, pacientes, homossexuais). Um de seus primeiros textos foi sobre a ejaculação precoce, mais particularmente, sobre seu efeito nas mulheres - associando também a interpretação do analista à ejaculação precoce. Em 1905, propôs a criação de um Comitê de defesa aos homossexuais na Hungria. Por essas questões e por outras, era considerado o *infant terrible* da psicanálise (aquelas crianças que inocentemente dizem coisas embaraçosas aos adultos) - título que ele apreciava. E foi também objeto de duras críticas, que chegaram a pôr em xeque grande parte de suas proposições.

Foi analista de Melanie Klein, Ernest Jones, Alice e Michel Balint, Geza Róheim e de outros clínicos que se destacaram no campo psicanalítico e tiveram suas ideias difundidas. É possível reconhecer em Ferenczi a fundação de múltiplos conceitos e ideias de autores contemporâneos. Winnicott é herdeiro da tradição ambientalista proposta por Ferenczi a partir de 1928, em sua Virada ambientalista - como nomeia Kupermann. Lacan menciona Ferenczi em vários momentos - elogia diminuindo - ao dizer que “apesar da extravagância teórica foi o mais autêntico interrogador de sua responsabilidade de terapeuta” e também aquele que “questionou com mais pertinência o que se exige da pessoa do analista, sobretudo quanto ao fim do tratamento”. André Green afirma que Ferenczi inegavelmente foi o precursor da análise moderna.

Importante lembrar que Freud foi analista de Ferenczi, e que isso deixou efeitos sobredeterminados. Há uma cena clássica do rompimento entre os dois, por conta da apresentação que Ferenczi fazia no Congresso de Wisbaden, em 1932, que deu origem ao texto “Confusão de língua entre adultos e crianças”.

Freud teria pedido a ele que não apresentasse o texto e as ideias contidas nele. Apesar deste pedido, Ferenczi decide apresentá-lo, e - diz a lenda - na hora de se

despedir, Freud não o cumprimenta com aperto de mão. Do ponto de vista teórico, essa ruptura teria a ver com as formulações sobre trauma feitas por Ferenczi. Ouvindo pacientes que tinham experimentado situações de abuso sexual, ele confere às experiências reais - à realidade material - um peso maior do que aquele vivido na fantasia. A noção de trauma é central, então, na obra de Ferenczi. Nesta experiência de abuso sexual infantil - paradigmática - a característica traumática não seria calcada apenas na violência, no choque, no susto, no fato em si. Mas no momento em que a criança procura um adulto para comunicar seu sofrimento, sua aflição, seu desprazer, e tem sua experiência desmentida, invalidada, deslegitimada. Essa seria uma experiência radical de abandono - o desmentido.

Ainda dos bastidores, podemos lembrar que há outro episódio envolvendo Freud e Ferenczi, quando este último se queixa sobre Freud não ter analisado a transferência negativa entre eles, quando fora seu analista.

De 1940 a 1980, o nome de Ferenczi ficou praticamente apagado dos institutos de formação, da psicanálise, das traduções. Alguns autores dizem que este foi um período de latência.

Muito disso se deveu a Ernest Jones, que fora paciente de Ferenczi (indicação por Freud, que negou analisá-lo) e ele teria ficado muito zangado/enciumado. É de Jones a versão/acusação de que Ferenczi morreu louco e que seus últimos textos seriam de alguém que não estava mais pensando ou raciocinando direito. Isto foi desmentido pelos que acompanharam Ferenczi no fim de sua vida, provando que seus surtos foram consequência de problemas respiratórios provocados por uma anemia perniciosa.

Em 1980 acontece um movimento que ficou chamado de Renascimento de Ferenczi, a partir sobretudo da França, de Judit Dupont, sobrinha de Balint, que resgata para o francês as obras de Ferenczi.

Ferenczi tinha uma ousadia em enfrentar questões teóricas e clínicas - foi um grande crítico da técnica psicanalítica. Atendeu muitos pacientes considerados difíceis e não-analisáveis em sua época.

Assim, observamos uma contribuição mútua entre Freud e Ferenczi, e como as ideias de Ferenczi se tornam importantes no cenário da formação psicanalítica aqui no Brasil. Isso nos fez pensar: 'O que é, necessariamente, uma formação que se propõe freudiana?' ou ainda, 'O que chamamos de freudiano é realmente freudiano, ou seja, exclusivamente freudiano?'

E se a psicanálise freudiana como a conhecemos, e a psicanálise em geral como a conhecemos, for tanto o resultado de construções individuais geniais como de construções coletivas que envolveram uma série de autores, alguns que ganharam

reconhecimento, mas também outros que não? E se, para levarmos a ideia adiante, precisássemos reconhecer que o que chamamos de “escolas” é, na verdade, o resultado do trabalho coletivo de muitos criadores? A questão não seria tanto sobre as diferentes escolas ou um período “pós-escolas”, mas sim sobre outra categoria de pergunta: “Por que nos limitarmos a falar em escolas quando a psicanálise de hoje pode ser vista como fruto de muitas mãos?”

É nesse contexto que se insere a ideia de uma Comunidade de destino: No artigo “Ferenczi como pensador político”, Jô Gondar (2012, p. 203) escreve que:

“A noção de comunidade de destino é proveniente das ciências sociais e se opõe à ideia de comunidade de origem. Enquanto esta última se sustenta nos laços de sangue, laços dados de uma vez por todas, a comunidade de destino se refere ao fato de que um grupo de pessoas pode reunir-se, sem lideranças ou certezas prévias, para discutir ou construir seu próprio destino” (Bosi, 1995).

Nas ciências sociais, compartilhar um destino comum cria um "vínculo de amizade e confiança" (Bosi, 1995, p. 37) e favorece as relações de co-participação. Ferenczi descreve a análise de crianças com adultos - e poderíamos considerar que toda análise é, de certa forma, uma análise de crianças? - de forma semelhante. A "consciência dessa comunidade de destino" permite que os parceiros confiem um no outro com tranquilidade (Ferenczi, 1932/1990, p. 91). Ferenczi usa esse termo em seu *Diário clínico* ao falar de certas fases da análise mútua em que tanto o analista quanto o paciente parecem trocar impressões como duas crianças igualmente assustadas, sem sentir constrangimento ou estabelecer hierarquia de autoridade.

Gostaríamos de terminar essa conversa, afirmando nossa posição ético-política com a criação deste GT. Ferenczi, que foi durante 50 anos silenciado como *enfant terrible* da psicanálise, visto como um louco por uma política institucional em função de ser um analista questionador da técnica, da hipocrisia do analista e da possibilidade da própria análise ser retraumatizante. Nós, como grupo, o reafirmamos como um *enfant terrible* provocador - no sentido de chamar adiante, de fazer as perguntas que só crianças em sua ingenuidade se permitem fazer - contribuindo para o desenvolvimento da psicanálise em seu devir.